

NORA ROBERTS

PRIMEIRO LUGAR NA LISTA DO *THE NEW YORK TIMES*



FEITIÇO DA SOMBRA

LIVRO DOIS DA TRILOGIA PRIMOS O'DWYER



O ARQUEIRO

GERALDO JORDÃO PEREIRA (1938-2008) começou sua carreira aos 17 anos, quando foi trabalhar com seu pai, o célebre editor José Olympio, publicando obras marcantes como *O menino do dedo verde*, de Maurice Druon, e *Minha vida*, de Charles Chaplin.

Em 1976, fundou a Editora Salamandra com o propósito de formar uma nova geração de leitores e acabou criando um dos catálogos infantis mais premiados do Brasil. Em 1992, fugindo de sua linha editorial, lançou *Muitas vidas, muitos mestres*, de Brian Weiss, livro que deu origem à Editora Sextante.

Fã de histórias de suspense, Geraldo descobriu *O Código Da Vinci* antes mesmo de ele ser lançado nos Estados Unidos. A aposta em ficção, que não era o foco da Sextante, foi certa: o título se transformou em um dos maiores fenômenos editoriais de todos os tempos.

Mas não foi só aos livros que se dedicou. Com seu desejo de ajudar o próximo, Geraldo desenvolveu diversos projetos sociais que se tornaram sua grande paixão.

Com a missão de publicar histórias empolgantes, tornar os livros cada vez mais acessíveis e despertar o amor pela leitura, a Editora Arqueiro é uma homenagem a esta figura extraordinária, capaz de enxergar mais além, mirar nas coisas verdadeiramente importantes e não perder o idealismo e a esperança diante dos desafios e contratemplos da vida.

*Para meu próprio círculo,
minha família e meus amigos*

Acontecimentos futuros projetam antes suas sombras.

– Thomas Campbell

A decoração de uma casa são os amigos que a frequentam.

– Ralph Waldo Emerson

1



OUTONO DE 1268

A NEBLINA SE ERGUIA EM ESPIRAIS DA ÁGUA ENQUANTO EAMON REMAVA o pequeno barco. O sol projetava uma luz pálida e fria ao despertar de seu descanso noturno e fazia os pássaros iniciarem o coro matutino. Eamon ouviu o canto do galo, tão altivo e presunçoso, e o balido das ovelhas pastando nos campos verdes.

Eram sons familiares, que o haviam cumprimentado todas as manhãs nos últimos cinco anos.

Mas esse não era seu lar. Não importava quanto fosse acolhedor e familiar, nunca seria.

E era pelo lar que ele ansiava. A saudade do lar fazia seus ossos doerem como os de um velho em tempo úmido e seu coração se partir como o de um amante abandonado.

E sob a ânsia e a saudade, a dor fazia a raiva ferver, capaz de lhe ressecar a garganta como sede.

Em algumas noites ele sonhava com o lar, a cabana na grande floresta onde conhecia todas as árvores e curvas do caminho. Em outras, os sonhos eram reais como a vida, e ele podia sentir o cheiro de turfa queimando na lareira e o doce aroma da lavanda que a mãe passava em sua cama para bom repouso e bons sonhos.

Podia ouvir a voz dela, o canto suave vindo do sótão onde ela preparava suas poções e infusões.

Ela era chamada de Bruxa da Noite – com respeito –, porque era poderosa e forte. E boa e gentil. Por isso, em algumas noites em que sonhava com o lar e ouvia a mãe cantando no sótão, ele acordava com lágrimas no rosto.

Rapidamente as enxugava. Era um homem agora, com 10 anos completos, chefe de sua família como seu pai fora antes dele.

Lágrimas eram para as mulheres.

E tinha irmãs das quais cuidar, não tinha?, lembrou a si mesmo, pondo os remos nos apoios e deixando o barco deslizar suavemente enquanto lançava a linha. Brannaugh podia ser a mais velha, mas ele era o homem da família. Jurara protegê-la e a Teagan, e faria isso. A espada de seu avô lhe fora passada. Ele a usaria quando chegasse a hora.

E a hora chegaria.

Porque havia outros sonhos, os que lhe causavam medo em vez de tristeza. Sonhos com Cabhan, o bruxo sombrio. Aqueles sonhos formavam bolas geladas de medo em sua barriga que congelavam até mesmo a raiva que fervilhava. Um medo que fazia o garoto dentro dele gritar pela mãe.

Mas não podia se permitir ter medo. Sua mãe se fora, sacrificando-se para salvar a ele e às suas irmãs apenas horas após Cabhan ter assassinado o pai deles.

Mal podia ver o pai com o olho da mente, e muitas vezes precisava da ajuda do fogo para encontrar essa imagem – o alto e orgulhoso Daithi, o *cennfine*, chefe do clã, com seus cabelos claros e seu riso fácil. Mas só tinha de fechar os olhos para ver a mãe, pálida como a morte por vir, em pé na frente da cabana na floresta naquela manhã enevoada enquanto ele cavalgava para longe com as irmãs, com tristeza em seu coração e poder novo e quente em seu sangue.

Desde aquela manhã ele não era mais um garoto; tornara-se um dos três, um bruxo da noite obrigado por sangue e juramento a destruir o que nem mesmo sua mãe conseguira.

Parte de Eamon só queria começar logo, pular esse tempo em Galway, na fazenda da prima, onde o galo cantava de manhã e as ovelhas baliavam nos campos. O homem e o bruxo dentro de Eamon ansiavam pelo passar do tempo, pela força para empunhar a espada do avô sem que o peso fizesse seu braço tremer. Pelo dia em que poderia abraçar plenamente seus poderes, praticar a magia que era sua por nascença e por direito. O tempo em que derramaria na terra o sangue negro e ardente de Cabhan.

Ainda assim, nos sonhos ele era apenas um garoto fraco e inexperienced perseguido pelo lobo que Cabhan se tornava, o lobo com a pedra

vermelha da magia negra brilhando no pescoço. E era seu próprio sangue e o sangue de suas irmãs que eram derramados no chão, quentes e vermelhos.

Nas manhãs após os piores sonhos ele ia até o rio e remava para pescar e ficar sozinho, embora costumasse ansiar por companhia na cabana, pelas vozes e pelos cheiros de comida sendo feita.

Mas depois dos sonhos com sangue precisava se afastar – e ninguém o repreendia por não ajudar a ordenhar, remover esterco ou dar de comer aos animais. Não naquelas manhãs.

Então ele se sentava no barco, um garoto magro de 10 anos com uma cabeleira castanha, os olhos azuis e selvagens do pai e o poder ativo e luminoso da mãe.

Podia ouvir o dia acordar ao seu redor, esperava pacientemente o peixe morder a isca e comia o biscoito de aveia que pegara na cozinha da prima.

E podia se reencontrar.

O rio, a quietude, o balançar suave do barco o lembravam do último dia realmente feliz que tivera com a mãe e as irmãs.

Lembrava-se de que a mãe parecia bem, depois de ter passado o longo e frio inverno pálida e exausta. Todos contavam os dias para o Beltane e a volta do pai. Eamon havia pensado que eles se sentariam ao redor do fogo comendo bolos e bebendo chá adoçado com mel enquanto ouviam as histórias do pai sobre incursões e caçadas.

Havia pensado que eles festejariam e a mãe ficaria bem de novo.

Acreditara nisso naquele dia no rio, quando eles pescaram, riram e todos achavam que o pai logo estaria em casa.

Mas o pai nunca voltou porque Cabhan usara magia negra para assassinar Daithi, o bravo. E matara Sorcha, a Bruxa da Noite – embora ela o tivesse queimado até ele virar cinzas. De algum modo, Cabhan a matara e continuara a existir.

Eamon sabia disso pelos sonhos, pelo formigamento descendo por sua coluna. Via a verdade nos olhos das irmãs.

Mas ele tinha aquele dia para recordar, aquele dia claro de primavera no rio. Enquanto um peixe puxava a linha, sua mente voltou no tempo e ele se viu com 5 anos tirando um peixe brilhante do rio escuro.

Agora sentia aquela mesma sensação de orgulho.

– Ailish ficará contente.

Sua mãe lhe sorriu enquanto ele deslizava o peixe para dentro do balde de água a fim de mantê-lo fresco.

Sua grande necessidade a trouxe para ele, lhe deu conforto. Eamon pôs novamente a isca no anzol enquanto o sol esquentava e começava a dispersar a neblina.

– Precisaremos de mais de um.

Ela dissera aquilo, lembrou-se Eamon, naquele dia muito tempo atrás.

– Então você pegará mais de um – acrescentou ela.

– Eu preferiria pegar mais de um em meu próprio rio.

– Um dia você fará isso. Um dia, *mo chroi*, meu querido, voltará para casa. Um dia aqueles que vierem de você pescarão em nosso rio, caminharão em nossa floresta. Eu lhe juro.

Lágrimas quiseram brotar e toldaram sua visão da mãe, fazendo-a oscilar diante de seus olhos. Ele as conteve, porque queria vê-la com clareza. Os cabelos escuros que ela deixava cair livremente até a cintura, os olhos escuros onde o amor morava. E o poder que emanava dela. Mesmo agora, sendo apenas uma visão, Eamon sentia seu poder.

– Por que não você pôde destruí-lo, mãe? Por que não pôde viver?

– Não era para isso acontecer. Meu amor, meu filho, meu coração, eu teria dado mais do que minha vida para poupar você e suas irmãs.

– Você deu. Você nos deu seu poder quase todo. Se o tivesse mantido...

– Era minha hora e seu direito de nascença. Também lhe juro que estou satisfeita com isso. – Àquela neblina que afinava ela brilhava, seus contornos eram prateados. – Sempre estou em você, Eamon, o Leal. Estou em seu sangue, seu coração e sua mente. Você não está só.

– Sinto sua falta.

Eamon sentiu os lábios da mãe em seu rosto, o calor, o cheiro dela o envolvendo. E naquele momento, apenas naquele momento, pôde ser criança de novo.

– Quero ser corajoso e forte. Serei, eu juro. Protegerei Brannaugh e Teagan.

– Vocês protegerão uns aos outros. Vocês são os três. Juntos, são mais poderosos do que fui.

– Eu o matarei? – perguntou Eamon, porque esse era seu desejo mais profundo e sombrio. – Darei fim a ele?

– Não sei dizer, só sei que ele nunca poderá tirar o que você é. O que você é, o que possui, só pode ser dado, como eu lhe dei. Ele carrega mi-

nha maldição e a marca dela. Todos os que vierem dele a carregarão, como todos que vierem de você carregarão a luz. Meu sangue, Eamon. – Ela virou a palma da mão para cima e mostrou uma fina linha de sangue. – E o seu.

Ele sentiu a dor rápida e viu a ferida na palma de sua mão. E a juntou com a da mãe.

– O sangue dos três, de Sorcha, o abaterá, nem que isso demore mil anos. Basta acreditar no que você é.

Ela o beijou de novo, sorriu.

– Você tem mais de um.

O puxão em sua linha fez a visão desaparecer.

Então ele tinha mais de um.

Seria corajoso, pensou enquanto puxava para fora do rio o peixe que se debatia. Seria forte. E, um dia, forte o suficiente.

Estudou a mão – não havia nenhuma marca, mas ele entendia. Carregava o sangue e o dom da mãe. Um dia os passaria para seus filhos e suas filhas. Se não fosse seu destino destruir Cabhan, seu sangue o faria.

Mas, por todos os deuses, esperava que fosse.

Por enquanto pescaria. Era bom ser homem, pensou. Caçar, pescar e prover. Retribuir aos primos o abrigo e os cuidados.

Havia aprendido a ter paciência desde que se tornara um homem – e pegara quatro peixes antes de remar o barco de volta para a margem. Amarrou-o e pendurou os peixes em uma linha.

Por um momento ficou em pé olhando para a água, o brilho dela sob a plenitude do sol. Pensou na mãe, no som de sua voz, no cheiro de seus cabelos. Suas palavras permaneceriam com ele.

Caminharia de volta através da pequena floresta. Não grande como a do lar, mas mesmo assim uma bela floresta, disse a si mesmo.

Levaria o peixe para Ailish e tomaria um pouco de chá perto da lareira. Depois ajudaria na última colheita.

Ao começar a voltar para a cabana e a pequena fazenda, ouviu o grito alto e agudo. Sorrindo para si mesmo, tirou a luva de couro de sua bolsa. Só precisou vesti-la e erguer o braço para Roibeard sair das nuvens com as asas abertas para pousar.

– Bom dia.

Eamon olhou naqueles olhos dourados e sentiu a força da conexão com

seu falcão, seu guia e amigo. Tocou no amuleto ao redor do pescoço, o que a mãe conjurara com magia de sangue para proteção. Tinha a imagem do falcão.

– O dia está lindo, não é? Claro e fresco. A colheita quase terminou e logo teremos nossa celebração – continuou ele, andando com o falcão pousando em seu braço. – O equinócio, como você sabe, quando a noite domina o dia como Gronw Pebr dominou Llew Llaw Gyffes. Celebraremos o nascimento de Mabon, filho de Mordon, a guardiã da terra. Com certeza haverá bolos de mel. Providenciarei para que você ganhe um pouco.

O falcão esfregou a cabeça no rosto de Eamon, afetuoso como um gatinho.

– Sonhei de novo com Cabhan. Com nossa casa, mamãe depois que nos deu quase todo seu poder e nos mandou embora, para ficarmos seguros. Vejo isso, Roibeard. Como ela o envenenou com um beijo, inflamou-se usando tudo o que tinha para destruí-lo. Ele tirou a vida dela e ainda assim... eu vi a agitação nas cinzas em que ela o transformou. A agitação delas, algo diabólico e o brilho vermelho do poder de Cabhan.

Eamon parou por um momento, evocou seu poder e se abriu para ele. Sentiu os batimentos do coração de um coelho correndo para o mato e a fome de um filhote de ave esperando pela mãe e seu café da manhã.

Sentiu as irmãs, as ovelhas e os cavalos.

E não detectou nenhuma ameaça.

– Ele não nos encontrou. Eu sentiria. Você veria e me diria. Mas ele espreita, caça e espera, eu também sinto isso.

Aqueles olhos azuis corajosos se anuviaram; a boca delicada do menino se firmou, transformando-se na de um homem.

– Não vou me esconder para sempre. Um dia, com o sangue de Daithi e Sorcha, o caçarei.

Eamon ergueu uma das mãos, pegou um punhado de ar, o girou e atirou – gentilmente – na direção de uma árvore. Galhos balançaram e pássaros empoleirados alçaram voo.

– Eu só ficarei mais forte, não é? – murmurou, e entrou na cabana para alegrar Ailish com quatro peixes.

BRANNAUGH CUMPRIA COM SEUS DEVERES COMO FAZIA TODOS OS DIAS. Como todos os dias, durante cinco anos, havia feito tudo o que lhe pediram.

Cozinha, limpava e cuidava dos mais novos porque Ailish sempre parecia ter um bebê ao seio ou na barriga. Ajudava a semear os campos e cuidar das plantações. Ajudava na colheita.

Um trabalho bom e honesto, é claro, e, a seu modo, gratificante. Ninguém podia ser mais gentil que sua prima Ailish e o marido dela. Ambos eram bons e confiáveis, pessoas da terra que ofereceram mais do que abrigo para três crianças órfãs.

Ofereceram uma família, e não havia bem mais precioso.

Sua mãe não soubera disso? Ela nunca teria enviado os três filhos para Ailish se não fosse assim. Mesmo em sua hora mais sombria, Sorcha nunca teria entregado os amados filhos para alguém que não fosse gentil e amoroso.

Mas, com 12 anos, Brannaugh não era mais uma criança. E o que crescia nela se alastrava e despertava – sobretudo desde que começara a menstruar, um ano antes –, se impunha.

Reprimir tanto, desviar os olhos daquela luz cada vez mais brilhante, se revelava mais difícil e triste com o passar dos dias. Mas ela devia respeito a Ailish, e sua prima temia a magia e o poder – até mesmo o dela própria.

Brannaugh fizera o que sua mãe lhe pediu naquela manhã terrível. Levou o irmão e a irmã para o sul, para longe da casa deles, em Mayo. Ficou fora da estrada; trancou a tristeza em seu coração onde só ela podia ouvir-lhe o lamento.

E naquele coração também existia necessidade de vingança, de abraçar o poder dentro dela e aprender mais – aprender e se aperfeiçoar o suficiente para derrotar Cabhan de uma vez por todas.

Mas Ailish só queria seu homem, seus filhos, sua fazenda. E por que não queria? Tinha direito ao lar, à vida e à terra, à paz de tudo isso. Não havia se arriscado acolhendo os que tinham o sangue de Sorcha? Acolhendo o que Cabhan cobijava e caçava?

Ela merecia gratidão, lealdade e respeito.

Mas o que existia em Brannaugh ansiava por liberdade. Escolhas precisavam ser feitas.

Brannaugh tinha visto o irmão voltar do rio com os peixes e o falcão. Sentiu-o testar seu poder afastado da vista de quem estava na cabana – como fazia com frequência. Como Teagan também fazia. Ailish, conversando sobre as geleias que haviam preparado naquele dia, não sentiu

nada. A prima bloqueava a maior parte do que possuía – o que intrigava Brannaugh – e só usava o pouco que se permitia para adoçar geleias ou obter ovos maiores das galinhas.

Brannaugh disse a si mesma que valia a pena o sacrifício, a espera para descobrir mais, aprender mais, ser mais. Seu irmão e sua irmã estavam seguros ali – como sua mãe queria. Teagan, cuja tristeza fora incalculável durante dias e semanas, ria e brincava. Ela realizava suas tarefas alegremente, cuidava dos animais e cavalgava como uma guerreira seu grande Alastar cinza.

Talvez algumas noites chorasse em seu sono, mas bastava Brannaugh se juntar a ela para acalmá-la.

Exceto quando vinham os sonhos com Cabhan. Eles vinham para Teagan, Eamon e ela própria. Agora com mais frequência e mais nítidos, tão nítidos que Brannaugh havia começado a ouvir o eco da voz dele após acordar.

Escolhas deviam ser feitas. Essa espera, esse abrigo, de uma forma ou outra poderiam precisar ter um fim.

Ao anoitecer, ela lavou e esfregou batatas recém-colhidas. Mexeu o ensopado que cozinhava em fogo brando e acompanhou com batidinhas do pé enquanto o homem de sua prima tocava a pequena harpa.

A cabana era quente e aconchegante, um lugar feliz repleto de cheiros bons, vozes alegres e a risada de Ailish pondo a filha mais nova no quadril para dançar.

Família, pensou Brannaugh de novo. Bem alimentada e cuidada em uma cabana quente e aconchegante com ervas secando na cozinha e bebês de bochechas rosadas.

Isso deveria contentá-la – como queria que contentasse!

Viu os olhos de Eamon, do mesmo azul vivo dos do pai, e sentiu o poder dele estimular o seu. Eamon via demais, pensou. Demais se não se lembrasse de bloquear seu poder.

Deu-lhe um cutucão nas costas – um aviso para cuidar de seus próprios assuntos. Do modo como as irmãs faziam, sorriu quando ele se assustou.

Depois da refeição noturna houve panelas para serem lavadas e crianças para serem postas na cama. Mabh, a mais velha, com sete anos, como sempre se queixou de que não estava com sono. Seamus logo se acomodou com seu sorriso sonhador. Os gêmeos que ela mesmo ajudara a

trazer ao mundo chilravam um com o outro como passarinhos. A jovem Brighid pôs seu reconfortante polegar na boca e dormiu antes que a mãe a deitasse.

Brannaugh se perguntou se Ailish sabia que ela e o bebê de rosto angelical estariam mortos não fosse a magia. O parto, tão doloroso, tão *errado*, os teria feito se esvaír em sangue sem o poder, a cura, o acompanhamento e as ações de Brannaugh.

Embora elas nunca falassem sobre isso, achava que Ailish sabia.

Ailish se aprumou, com uma das mãos nas costas e a outra sobre o próximo bebê em seu útero.

– Boa noite e bons sonhos para todos. Brannaugh, você tomaria um pouco de chá comigo? Estou precisando de seu chá calmante porque este aqui está chutando muito esta noite.

– Claro. Vou fazer um pouco para você. – E acrescentar o feitiço, como sempre fazia, para saúde e parto fácil. – Ele está bem e saudável e suponho que dará mais trabalho do que os gêmeos juntos.

– Com certeza é um menino – disse Ailish enquanto elas desciam do sótão usado para dormir. – Posso sentir isso. Até hoje ainda não errei.

– E não está errada desta vez. Precisa descansar mais, prima.

– Uma mulher com seis filhos e um a caminho não consegue descansar muito. Estou bem o suficiente. – Seu olhar se fixou no de Brannaugh para confirmação.

– Certamente está, mas ainda assim precisa descansar mais.

– Você é de grande ajuda e conforto para mim, Brannaugh.

– Espero que sim.

Havia algo ali, pensou Brannaugh enquanto se ocupava do chá. Sentia o nervosismo da prima, o que a deixava nervosa.

– Agora que estamos na estação da colheita você poderia se dedicar às suas costuras. Isso é necessário e relaxante para você. Posso cuidar da cozinha. Teagan e Mabh ajudarão. E, para falar a verdade, Mabh já é uma ótima cozinheira.

– Sim, claro que é. Estou muito orgulhosa dela.

– Com as garotas cuidando da cozinha, Eamon e eu poderemos ajudar nosso primo a caçar. Sei que você prefere que eu não maneje o arco e a flecha, mas não é sensato cada um de nós fazer o que faz bem?

O olhar de Ailish se desviou por um momento.

Sim, pensou Brannaugh, ela sabe. E, mais do que isso, sente o peso de nos pedir para não sermos o que somos.

– Eu gostava muito da sua mãe.

– Ah, e ela gostava muito de você.

– Nós tínhamos nos vistos pouco nos últimos anos. Ainda assim sua mãe me enviava mensagens, ao modo dela. Na noite em que Mabh nasceu, o pequeno cobertor que minha filha ainda segura para dormir estava lá, bem no berço que Bardan fez para ela.

– Quando ela falava sobre você, era com amor.

– Ela os enviou para mim. Você, Eamon e Teagan. Ela me apareceu em um sonho e me pediu para lhes dar um lar.

– Você nunca me contou – murmurou Brannaugh.

Levou o chá para a prima e se sentou com ela perto da lareira.

– Dois dias antes de vocês virem, ela me pediu isso.

Com as mãos juntas no colo sobre saias tão cinza quanto seus olhos, Brannaugh olhou para o fogo e disse:

– Demoramos oito dias para chegar aqui. O espírito dela veio até você. Gostaria de poder vê-la de novo, mas só a vejo em sonhos.

– Ela está com você. Eu a vejo em você. Em Eamon, em Teagan, mas principalmente em você. A força e a beleza dela. O amor feroz pela família. Agora você é uma mulher. Está em uma idade em que deve começar a pensar em constituir uma família.

– Eu tenho uma família. – rebateu Brannaugh.

– A sua, como sua mãe fez. Um lar, querida, um homem para trabalhar a terra para você, bebês seus.

Ela bebericou chá enquanto Brannaugh continuava em silêncio.

– Fial é um homem gentil, um homem bom. Foi bom para a esposa enquanto ela viveu, isso posso lhe garantir. Ele precisa de uma esposa, uma mãe para seus filhos. Tem uma boa casa, muito maior do que a nossa. Fial a ofereceria para você e a abriria para Eamon e Teagan.

– Como eu poderia me casar com Fial? Ele é... – *Velho* foi o primeiro pensamento dela, mas se deu conta de que não era mais velho do que Bardan.

– Ele daria uma vida boa para você, Eamon e Teagan. – Ailish pegou sua costura, ocupando as mãos. – Eu nunca falaria sobre isso com você se achasse que não a trataria com gentileza, sempre. Fial é bonito, Brannaugh, e tem uma boa conduta. Você vai sair com ele?

– Eu... Prima, não penso em Fial dessa forma.

– Talvez se sair com ele pense. – Ailish sorriu ao dizer isso, como se soubesse de um segredo. – Uma mulher precisa de um homem que seja provedor, que a proteja e lhe dê filhos. Um homem gentil com uma boa casa, um rosto agradável...

– Você se casou com Bardan porque ele era gentil?

– Eu não teria me casado com ele se não fosse. Apenas pense sobre isso. Nós diremos a Fial que vamos esperar até depois do equinócio para falar com você a esse respeito. Pense. Fará isso?

– Sim.

Brannaugh se levantou.

– Ele sabe quem eu sou?

Ailish baixou os olhos cansados.

– Você é a filha mais velha da minha prima.

– Ele sabe quem eu sou, Ailish?

O poder que Brannaugh possuía e reprimia se agitava nela. Incitado pelo orgulho. E a luz que brincava em seu rosto não vinha só do brilho do fogo.

– Eu sou a filha mais velha da Bruxa da Noite de Mayo. E antes de ela sacrificar a vida, sacrificou o próprio poder, passando-o para mim, Eamon e Teagan. Nós somos os três. Somos bruxos da noite.

– Você é uma criança...

– Uma criança quando se trata de magia, poder. Mas uma mulher quando você fala em casamento com Fial.

A verdade fez as bochechas de Ailish ficarem quentes e vermelhas.

– Brannaugh, minha querida, você não tem se sentido feliz aqui nesses últimos anos?

– Sim, tenho. E muito grata.

– Parentes se ajudam sem nenhuma necessidade de gratidão.

– Sim. Parentes se ajudam.

Pondo outra vez a costura de lado, Ailish segurou as mãos de Brannaugh.

– Você estaria segura, filha da minha prima. E se sentiria feliz. Acredito que seria amada. Poderia desejar mais?

– Eu sou mais – disse Brannaugh em voz baixa, e subiu para o sótão.

MAS BRANNAUGH NÃO CONSEGUIU DORMIR. FICOU DEITADA QUIETA AO lado de Teagan, esperando que as vozes baixas de Ailish e Bardan se calassem.

Ambos falariam sobre esse casamento, esse bom e sensato casamento. Eles se convenceriam de que a relutância dela era apenas nervosismo juvenil.

Assim como tinham se convencido de que ela, Eamon e Teagan eram crianças como quaisquer outras.

Brannaugh se levantou em silêncio, calçou as botas macias e se cobriu com o xale. Precisava de ar. De ar, da noite e da lua.

Desceu do sótão e abriu a porta sem fazer barulho.

Kathel, o cão que dormia perto da lareira, se esticou e, sem hesitação, saiu na frente dela.

Agora Brannaugh podia respirar, com o ar fresco da noite em seu rosto e o silêncio apaziguando o caos dentro dela. Ali, enquanto pudesse conservá-la, estava a liberdade.

Ela e o fiel cão se esgueiraram como sombras por entre as árvores. Brannaugh ouviu o murmúrio do rio e o suspiro do vento passando pelas árvores, sentiu o cheiro de terra e viu a fumaça de turfa na lareira saindo pela chaminé da cabana.

Podia lançar o círculo, tentar evocar o espírito da mãe. Precisava dela esta noite. Havia cinco anos não chorava, não se permitia uma única lágrima. Queria se sentar no chão, com a cabeça no colo da mãe, e chorar.

Pôs uma das mãos sobre o amuleto que usava – a imagem do cão que a mãe conjurara com amor, magia e sangue.

Permanecera fiel ao seu sangue, ao que existia nela? Abraçara as próprias necessidades, vontades e paixões? Ou havia posto isso de lado como um brinquedo abandonado e feito o que garantiria a segurança e o futuro de seu irmão e sua irmã?

– Mãe – murmurou –, o que devo fazer? O que gostaria que eu fizesse? Você nos deu a vida. Eu posso fazer menos?

Ela sentiu a expansão, a junção do poder como um entrelaçamento de dedos. Virando-se, olhou para as sombras. Com o coração disparando, pensou: *Ma*.

Mas foi Eamon quem saiu para o luar, segurando a mão de Teagan.

A irritação causada pelo desapontamento tornou a voz de Brannaugh cortante como uma lâmina.

– Vocês deviam estar na cama. No que estão pensando ao perambularem pela floresta à noite?

– No mesmo que você – retrucou Eamon.

– Eu sou a mais velha.

– Eu sou o chefe da família.

– A coisa miúda entre suas pernas não o torna o chefe da família. Teagan deu uma risadinha e depois correu e se atirou na irmã.

– Não fique zangada. Você precisava que nós viéssemos. Estava em meu sonho. Chorava.

– Eu não estou chorando.

– Aqui. – Teagan tocou no coração de Brannaugh. Seus olhos escuros profundos, tão parecidos com os da mãe, examinaram o rosto da irmã. – Por que está triste?

– Eu não estou triste. Só saí para pensar. Para ficar sozinha e pensar.

– Você pensa alto demais – murmurou Eamon, ainda aborrecido com o comentário sobre a “coisa miúda”.

– E você deveria ter boas maneiras e não ouvir os pensamentos dos outros.

– Como posso evitar quando você os *grita*?

– Parem. Não vamos brigar. – Teagan podia ser a mais nova, mas não lhe faltava determinação. – Não vamos brigar – repetiu. – Brannaugh está triste, Eamon está sendo como um homem pisando em brasas e eu... estou me sentindo como me sinto quando como pudim de mais.

– Está se sentindo mal? – A raiva de Brannaugh desapareceu. Ela olhou nos olhos de Teagan.

– Não dessa maneira. Algo está... desequilibrado. Sinto isso. Acho que você sente. E sente mesmo. Então não vamos brigar. Somos uma família.

– Ainda segurando a mão de Brannaugh, Teagan procurou a de Eamon. – Irmã, diga-nos por que está triste.

– Eu... quero lançar um círculo. Quero sentir a luz em mim. Quero lançar um círculo e me sentar à sua luz com vocês. Vocês dois.

– Quase nunca fazemos isso – disse Teagan. – Porque Ailish prefere que não façamos.

– E ela nos acolheu. Nós lhe devemos respeito na casa dela. Mas não estamos na casa dela agora e ela não precisa saber. Preciso da luz. Preciso falar com vocês dentro do nosso círculo, onde ninguém pode ouvir.

– Eu vou lançá-lo. Eu pratico – disse-lhe Teagan. – Quando saio montada em Alastar, eu pratico.

Com um suspiro, Brannaugh passou a mão pelos cabelos claros da irmã.

– Isso é bom. Lance o círculo, *deifúr bheag*, irmãzinha.

2



BRANNAUGH OBSERVOU O MODO COMO TEAGAN PUXAVA LUZ E FOGO para fora de si mesma e agradecia à deusa enquanto formava o círculo. Um círculo grande o suficiente para incluir Kathel, pensou, divertida e grata.

– Você se saiu bem. Eu teria lhe ensinado mais, só que...

– Respeitou Ailish.

– E também tem medo – interpôs Eamon – de que, se usarmos demais nosso poder, com muita força, ele fique sabendo e venha.

– Sim. – Brannaugh se sentou no chão e pôs um dos braços ao redor de Kathel. – Ela nos queria em segurança. Abriu mão de tudo por nós. De seu poder, sua vida. Acreditava que o destruiria e ficaríamos seguros. Não tinha como saber que qualquer magia negra que ele possa ter negociado seria capaz de fazê-lo ressurgir das cinzas.

– Mais fraco.

Ela olhou para Eamon e assentiu.

– Sim, mais fraco. Então. Ele... absorve poder, eu acho. Encontrará outros, o tirará deles e se fortalecerá. Ela nos queria em segurança. – Brannaugh respirou fundo. – Fial quer se casar comigo.

Eamon ficou boquiaberto.

– Fial? Mas ele é velho.

– Não mais do que Bardan.

– Velho!

Brannaugh riu e sentiu um pouco do aperto em seu peito diminuir.

– Parece que os homens querem esposas jovens. Para que possam lhes dar muitos filhos e ainda querer se deitar com eles e cozinhar para eles.

– Você não vai se casar com Fial – disse Teagan, decidida.

– Ele é gentil, e não é feio. Tem uma casa e uma fazenda maior do que a de Ailish e Bardan. Acolheria vocês dois.

- Você não vai se casar com Fial – repetiu Teagan. – Você não o ama.
- Eu não procuro amor e tampouco preciso dele.
- Deveria procurar, mas, mesmo se você fechar os olhos, ele a encontrará. Esqueceu-se do amor entre nossos pais?
- Não me esqueci. Não acho que vou encontrar algo assim para mim mesma. Talvez um dia você encontre. É tão bonita e inteligente!
- Ah, vou encontrar. – Teagan assentiu sabiamente. – Assim como você encontrará, e Eamon também. E passaremos o que somos, o que possuímos, para aqueles que vierem de nós. Nossa mãe queria isso. Queria que nós vivêssemos.
- Nós viveríamos, e bem, se eu me casasse com Fial. Eu sou a mais velha – lembrou-os Brannaugh. – Cabe a mim decidir.
- Ela me encarregou de protegê-la. – Eamon cruzou os braços sobre o peito. – Eu proíbo isso.
- Não vamos brigar. – Teagan segurou as mãos deles e as apertou com força. Chamas surgiram por entre os dedos juntos. – E não vão tomar conta de mim. Não sou um bebê, Brannaugh, estou com a mesma idade que você tinha quando deixamos nossa casa. Você não vai se casar para me dar uma casa. Não vai negar o que você é, ignorar seu poder. Você não é Ailish, mas Brannaugh, filha de Sorcha e Daithi. É uma bruxa da noite e sempre será.
- Um dia nós o destruiremos – prometeu Eamon. – Um dia vingaremos nossos pais e destruiremos até mesmo as cinzas em que o transformamos. Nossa mãe me disse que nós, ou aqueles que vierem de nós, o destruirão, mesmo que isso demore mil anos.
- Ela lhe disse?
- Hoje de manhã. Ela apareceu para mim enquanto eu estava no rio, na neblina e no silêncio. Eu a encontro lá quando preciso dela.
- Ela aparece para mim apenas em sonhos. – Lágrimas não derramadas causaram um nó na garganta de Brannaugh.
- Você reprime muito quem você é. – Para acalmá-la, Teagan acariciou os cabelos da irmã. – Para não aborrecer Ailish, para nos proteger. Talvez só lhe permita aparecer em sonhos.
- Ela aparece para você? – murmurou Brannaugh. – Não apenas em sonhos?
- Às vezes quando cavalgo Alastar, vamos bem para dentro da flores-

ta e fico quieta, muito quieta, ela aparece. Canta para mim como cantava quando eu era pequena. Foi nossa mãe quem me disse que teremos amor, teremos filhos. E, por meio de nosso sangue, derrotaremos Cabhan.

– Então devo me casar com Fial para ter uma criança, o descendente que dará fim a ele?

– Não! – Pequenas chamas brilharam nas pontas dos dedos de Teagan antes de ela se lembrar do controle. – Não existe amor. Primeiro vem o amor e depois a criança. É desse modo.

– Esse não é o único modo.

– É o nosso modo. – Eamon segurou a mão de Brannaugh de novo. – Isso será do nosso modo. Seremos o que temos de ser, faremos o que temos de fazer. Se não tentarmos, eles terão se sacrificado por nós em vão. Morrido em vão. Você quer isso?

– Não. Não. Eu quero matá-lo. Quero o sangue dele, a morte dele. – Agitada, Brannaugh apertou o rosto contra o pescoço de Kathel e se acalmou com o calor dele. – Acho que parte de mim morreria se eu rejeitasse quem sou. Mas sei que minha totalidade morreria se eu fizesse uma escolha que prejudicasse qualquer um de vocês.

– Nós escolheremos, todos nós – disse Eamon. – Um por três. Precisávamos deste tempo. Nossa mãe nos enviou aqui para que o tivéssemos. Agora não somos mais crianças. Acho que deixamos de ser quando saímos de casa naquela manhã sabendo que nunca a veríamos de novo.

– Nós tínhamos poder. – Brannaugh respirou fundo e se aprumou. Embora fosse mais jovem, um garoto, seu irmão falava a verdade. – Ela nos deu mais. Eu pedi a vocês dois para não manifestarem o poder.

– Você estava certa em pedir, embora o despertássemos de vez em quando – acrescentou Eamon com um sorriso. – Precisávamos do tempo aqui, mas esse tempo está chegando a um fim. Sinto isso.

– Eu também – murmurou Brannaugh. – Então me perguntei se isso significava casar com Fial. Mas não, vocês dois têm razão. Não fui feita para a fazenda. Não fui feita para magia de cozinha e jogos de salão. Nós olharemos, aqui dentro do círculo. Olharemos, veremos. E saberemos.

– Juntos? – O rosto de Teagan brilhou de alegria quando ela perguntou, e Brannaugh soube que reprimira a si mesma, à sua irmã e ao seu irmão por tempo de mais.

– Juntos.

Brannaugh pôs as mãos em concha e trouxe o poder para cima, para fora. E abaixando as mãos como água caindo, fez o fogo.

E ao usar aquela primeira habilidade aprendida, a pureza da magia fluiu através dela. Parecia que tinha respirado profundamente pela primeira vez em cinco anos.

– Você possui mais agora – afirmou Teagan.

– Sim. O poder esperou. Eu esperei. Nós esperamos. Não esperaremos mais. Através das chamas e da fumaça, nós o procuraremos, veremos onde ele se esconde. Você enxerga mais longe – disse ela para Eamon. – Mas tenha cuidado. Se Cabhan souber que procuramos por ele, nós verá.

– Sei o que fazer. Podemos atravessar o fogo, voar sobre a água e a terra, para onde ele está. – Eamon pôs a mão na pequena espada do seu lado. – Podemos matá-lo.

– Isso exigirá mais do que sua espada. Com todo o poder que possuía, nossa mãe não conseguiu destruí-lo. Isso exigirá mais, e encontraremos mais. No devido tempo. Por enquanto, vamos apenas olhar.

– Nós podemos voar. Alastar e eu. Nós... – A voz de Teagan ficou fraca quando ela viu o olhar penetrante de Brannaugh. – Isso só... aconteceu um dia.

– Somos o que somos. – Brannaugh balançou a cabeça. – Eu nunca devia ter me esquecido disso. Agora vamos olhar. Através do fogo, através da fumaça, invisíveis, como invocamos. Para procurar e encontrar, cegamos os olhos de Cabhan, que derramou nosso sangue. Agora nosso poder aumenta, como um dilúvio. Que assim seja.

Eles se deram as mãos e juntaram sua luz.

Chamas se moveram; a fumaça se dissipou.

Lá, bebendo vinho de uma taça de prata, estava Cabhan. Seus cabelos escuros lhe caíam até os ombros brilhando à luz das velas.

Brannaugh viu paredes de pedra cobertas de ricas tapeçarias e uma cama de dossel com cortinas de veludo azul profundo.

À vontade, pensou ela. Cabhan havia encontrado conforto e riquezas – isso não a surpreendia. Ele usava seus poderes para ganho próprio, prazer e morte. Para qualquer que fosse seu objetivo.

Uma mulher entrou no quarto. Usava um manto suntuoso e tinha cabelos escuros como a noite. Enfeitiçada, pensou Brannaugh ao ver o olhar cego dela.

E ainda assim... havia alguma força ali, um pouco, percebeu Brannaugh. Tentando romper os grilhões que a aprisionavam.

Cabhan não falou, só apontou com a mão para a cama. A mulher se dirigiu para lá, tirou o manto e ficou em pé por um momento, sua pele branca como o luar que brilhava.

Atrás daqueles olhos cegos, Brannaugh viu a batalha travada, a amargura, a luta para se libertar. Fugir.

Por um momento Eamon perdeu o foco. Nunca vira uma mulher totalmente nua, não uma com seios tão grandes. Do mesmo modo que suas irmãs, sentiu aquela força aprisionada – como uma ave branca em uma caixa negra. Toda aquela pele despida, aqueles seios generosos e macios, o triângulo fascinante de pelos entre as pernas dela.

Seriam como os cabelos na cabeça? Ele desejou desesperadamente tocar lá e saber.

Cabhan ergueu a cabeça como um lobo farejando o ar. Levantou-se tão rápido que derrubou a taça de prata, derramando vinho vermelho como sangue.

Brannaugh torceu os dedos de Eamon de modo doloroso. Embora ele gritasse, vermelho como o fogo, recuperou seu foco.

Ainda assim, por um momento, um terrível momento, os olhos de Cabhan pareceram olhar diretamente nos dele.

Então Cabhan foi até a mulher. Agarrou, apertou e lhe torceu os seios. O rosto da mulher revelou dor, mas ela não gritou.

Não podia gritar.

Ele lhe apertou os mamilos, torcendo-os até lágrimas rolares pelo rosto da mulher e lhe marcar a pele branca. Bateu-lhe e a jogou de barriga para cima na cama. Sangue escorreu do canto da boca mulher, mas ela só olhou.

Com um movimento rápido da mão ele ficou nu, com o pênis ereto. O membro pareceu brilhar, mas não com luz. Com escuridão. Eamon sentiu que era como gelo – frio, cortante e horrível. E Cabhan o introduziu na mulher como uma lança enquanto lágrimas escorriam pelo rosto e sangue pingava da boca da mulher.

Algo dentro de Eamon explodiu de indignação – uma fúria cruel ao ver uma mulher ser tratada daquela maneira. Quase avançou através daquele fogo, daquela fumaça, mas Brannaugh agarrou a mão do irmão com muita força.

E enquanto Cabhan a estuprava – porque era isso que estava fazendo –, Eamon sentiu os pensamentos dele. Pensamentos em Sorcha e o terrível desejo por ela que nunca reprimira. Pensamentos em... Brannaugh. Em

Brannaugh, e como faria isso com ela, e mais. E pior. Como a faria sofrer antes de lhe tirar o poder. Como lhe tiraria o poder antes de lhe tirar a vida.

Brannaugh apagou o fogo depressa e pôs fim à visão. E igualmente rápido agarrou Eamon pelos dois braços.

– Eu disse que nós não estávamos prontos. Acha que não o senti se preparando para vir até nós?

– Ele machucou aquela mulher. Tomou sua força e seu corpo contra a vontade dela.

– Cabhan quase o encontrou. Sentiu algo tentando chegar até ele.

– Eu o mataria só pelos pensamentos dele. Cabhan nunca vai tocar em você como fez com ela.

– Ele queria machucá-la. – A voz de Teagan era a de uma criança. – Mas estava pensando na nossa mãe, não nela. Depois pensou em você.

– Os pensamentos de Cabhan não podem me machucar. – Mas em seu íntimo eles a haviam abalado. – Ele nunca fará comigo ou com vocês o que fez com aquela pobre mulher.

– Podíamos tê-la ajudado?

– Ah, Teagan, não sei.

– Nós não tentamos. – As palavras de Eamon foram de censura. – Você me manteve aqui.

– Pela sua vida, pela nossa, por nosso objetivo. Acha que não sinto o que você sente? – Até mesmo o medo secreto foi sufocado por uma onda gelada de raiva. – Não fazer nada foi como levar mil punhaladas. Ele tem poder. Não o que tinha, mas diferente. Não mais, na verdade menos, e ainda assim diferente. Não sei como combatê-lo. Ainda não. Nós não sabemos, Eamon, e temos de saber.

– Ele está vindo. Não esta noite, não amanhã, mas virá. Ele sabe que você... – Eamon corou de novo e desviou seu olhar.

– Ele sabe que posso ter filhos – completou Brannaugh. – Ele pensa em ter um filho comigo. Nunca terá. Mas está vindo. Também sinto isso.

– Então devemos partir. – Teagan encostou a cabeça no flanco de Kathel.
– Nunca devemos trazê-lo aqui.

– Devemos partir – concordou Brannaugh. – Devemos ser o que somos.

– Para onde iremos?

– Para o sul. – Brannaugh olhou para Eamon buscando confirmação.

– Sim, o sul, porque ele ainda está no norte. Continua em Mayo.

– Nós encontraremos um lugar e lá aprenderemos mais, descobriremos mais. E um dia voltaremos para casa.

Brannaugh se levantou, segurou as mãos de ambos de novo e deixou o poder faiscar de uma para outra.

– Juro pelo nosso sangue que voltaremos para casa.

– Juro pelo nosso sangue que nós destruiremos, ou os que vierem de nós destruirão, até mesmo a lembrança dele – disse Eamon.

– Juro pelo nosso sangue que nós somos os três e sempre seremos – disse Teagan.

– Agora vamos fechar o círculo, mas nunca mais reprimiremos quem somos, o que possuímos, o que nos foi dado. – Brannaugh soltou as mãos deles. – Partiremos amanhã.

COM OS OLHOS LACRIMEJANTES, AILISH OBSERVOU BRANNAUGH GUARDAR o xale.

– Eu lhe imploro para ficar. Pense em Teagan. Ela é apenas uma criança.

– Tem a idade que eu tinha quando viemos para cá.

– Você era uma criança – disse Ailish.

– Eu era mais. Nós somos mais, e devemos ser quem somos.

– Eu a assustei falando em Fial. Você não pode pensar que a obrigáremos a se casar.

– Não. Ah, não. – Então Brannaugh se virou e segurou as mãos da prima. – Vocês nunca fariam isso. Não é por causa de Fial que estamos indo embora, prima.

Virando-se, Brannaugh guardou o resto de suas coisas.

– Sua mãe não desejaria isso para vocês.

– Minha mãe desejaria que fôssemos para casa, felizes e seguros com ela e nosso pai. Mas não era para ser assim. Minha mãe deu a vida por nós e nos deu seu poder. Esse era seu plano para nós. Devemos viver nossas vidas, abraçar nosso poder, realizar nosso objetivo.

– Para onde vocês vão?

– Para Clare, eu acho. Por enquanto. Nós voltaremos. E iremos para casa. Sinto que isso é tão real quanto a vida. Ele não virá aqui.

Ela se virou e encarou a prima com olhos enevoados.

– Ele não virá aqui ou fará mal a você ou a qualquer um dos seus. Isso eu lhe juro pelo sangue da minha mãe.

– Como pode saber?

– Eu sou um dos três. Sou uma bruxa da noite de Mayo, a filha mais velha de Sorcha. Ele não virá aqui machucar você ou os seus. Vocês estão protegidos por toda a vida. Eu cuidei disso. Não os deixaria desprotegidos.

– Brannaugh...

– Você se preocupa. – Brannaugh pôs as mãos sobre as da prima, que repousavam na barriga dela. – Eu não lhe disse que seu filho está bem e saudável? O parto será fácil e rápido. Isso posso lhe garantir, e garanto. Mas...

– O quê? Você deve me contar.

– Como você me ama, ainda teme o que possuo. Mas deve confiar em mim. Seu filho, esse por vir, deve ser o último. Ele será saudável e o parto correrá bem. Mas o próximo não. Se houver um próximo, você não sobreviverá.

– Eu... Você não pode saber. Não posso negar ao meu marido o leito matrimonial. Ou a mim mesma.

– Você não pode negar aos seus filhos a mãe deles. Perder a mãe é um sofrimento terrível, Ailish.

– Deus decidirá.

– Deus lhe deu sete filhos, mas o preço de outro será sua vida e também a do bebê. Faça o que eu digo, porque a amo.

Ela tirou um frasco de seu bolso.

– Fiz isto para você. Só para você. Guarde-o. Uma vez por mês, no primeiro dia da menstruação, tome apenas um gole. Você não conceberá nem mesmo depois de tomar o último gole, porque estará feito. Você viverá. Seus filhos terão uma mãe. Você viverá para acalentá-los.

Ailish pôs as mãos na barriga.

– Eu ficarei estéril.

– Você cantará para seus filhos e os filhos deles. Deitará com seu homem por prazer. Vocês se alegrarão com as vidas preciosas que trouxeram ao mundo. A escolha é sua, Ailish.

Ela fechou os olhos por um momento. Quando os abriu, tinham ficado muito escuros.

– Você o chamará de Lughaidh. Ele terá pele e cabelos claros, e olhos azuis. Será um garoto forte com um sorriso fácil e a voz de um anjo. Um

dia viajará, andará sem destino e usará a voz para ganhar a vida. Ele se apaixonará pela filha de um fazendeiro e voltará para casa com ela para trabalhar a terra. E você ouvirá a voz de Lughaidh nos campos, porque ele sempre será alegre.

Brannaugh deixou a visão se dissipar.

– Eu vi o que pode ser. Você deve escolher.

– Esse é o nome que eu escolhi para ele – murmurou Ailish. – Nunca contei para ninguém. – Ela pegou o frasco. – Vou fazer o que você diz.

Contraíndo os lábios, Ailish tirou uma sacolinha do bolso.

– Leve isto.

– Não vou aceitar suas moedas.

– Você *vai*. – Lágrimas rolavam, escorrendo-lhe pelo rosto como chuva. – Acha que não sei que salvou a mim e Conall no parto? E que mesmo agora pensa em mim e nos meus? Você me deu alegria. Trouxe Sorcha para mim quando senti falta dela, porque a vi em você dia após dia. Aceitará as moedas e me jurará que ficarão seguros e voltarão. Todos vocês, porque são meus como eu sou de vocês.

Compreendendo-a, Brannaugh enfiou a sacolinha no bolso de sua saia e depois beijou os dois lados do rosto de Ailish.

– Eu juro.

Lá fora, Eamon fazia o possível para seus primos rirem. Eles lhe pediram para não ir, é claro, perguntaram por que tinha de fazer isso, tentaram negociar com ele. Então ele contou histórias das grandes aventuras que teria, combatendo dragões e caçando sapos mágicos. Viu Teagan caminhando com uma chorosa Mabh e a viu lhe dar uma boneca de pano que fizera.

Desejou que Brannaugh se apressasse, porque a despedida era um tormento. Alastair estava pronto. Eamon – afinal de contas o chefe da família – decidira que suas irmãs iriam a cavalo e ele iria a pé.

Não aceitara discussões.

Bardan saiu do pequeno estábulo conduzindo Slaine – agora a velha Slaine, porque a égua reprodutora passara do seu apogeu.

– Os dias dela como reprodutora acabaram – disse Bardan de seu modo cuidadoso. – Mas ela é uma boa garota e lhes servirá bem.

– Ah, mas não posso tirá-la de você. Você precisa...

– Um homem precisa de um cavalo. – Bardan pôs a mão calosa no ombro de Eamon. – Você fez o trabalho de um homem na fazenda, então leve-a.

Eu daria Moon para Brannaugh se pudesse abrir mão dele, mas você levará a velha Slaine aqui.

– Sou muito grato a você por Slaine e por todo o resto. Prometo que a tratarei como uma rainha.

Por um momento Eamon se permitiu ser apenas um garoto e atirou os braços ao redor do primo, o homem que fora um pai para ele durante metade de sua vida.

– Voltaremos um dia.

– Façam isso.

Quando tudo terminou – as despedidas, os votos de uma viagem segura e as lágrimas –, ele montou a égua, com a espada e a bainha de seu pai firmes contra a sela. Brannaugh montou atrás de Teagan e se abaixou para beijar Ailish uma última vez.

Eles cavalgaram para longe da fazenda que fora seu lar por cinco anos, para longe de sua família e para o sul na direção do desconhecido.

Eamon olhou para trás, acenou quando eles acenaram e se viu mais abalado com a partida do que havia esperado. Então Roibeard o chamou do alto e traçou um círculo no céu antes de se lançar rumo ao sul.

Era para ser, concluiu Eamon. Esse era o momento.

Ele diminuiu um pouco seu ritmo e ergueu a cabeça para Teagan.

– Então, como a nossa Slaine está se sentindo sobre tudo isso?

Teagan abaixou os olhos para a égua e depois levantou a cabeça.

– Ah, sem dúvida é uma grande aventura para Slaine e ela nunca pensou em ter outra. Está orgulhosa e grata. Será leal até o fim de seus dias e fará tudo o que puder por você.

– Também farei tudo o que puder por ela. Cavalgaremos durante a metade do dia antes de pararmos para os cavalos descansarem e comermos o primeiro dos biscoitos de aveia que Ailish enfiou para nós.

– É isso que vamos fazer? – perguntou Brannaugh.

Ele ergueu o queixo.

– Você é a mais velha, mas eu tenho a coisa, não importa quanto possa achá-la miúda, o que de modo algum é. Roibeard mostrará o caminho e nós o seguiremos.

Brannaugh ergueu os olhos e observou o voo do falcão. Depois olhou para Kathel, que se movia rapidamente ao lado de Alastar como se pudesse andar o dia inteiro e durante toda a noite.

– Seu guia, o meu e o de Teagan. Sim. Nós o seguiremos. Ailish me deu algumas moedas, mas não vamos gastá-las se não for preciso. Ganharemos as nossas próprias.

– E como faremos isso?

– Sendo quem somos. – Brannaugh ergueu a mão com a palma virada para cima e fez surgir uma pequena bola de fogo nela. Depois a bola desapareceu. – Nossa mãe usou seu dom, cuidou de nós e de sua cabana. Sem dúvida podemos usar nosso dom, cuidar de nós mesmos e encontrar um lugar para fazer ambas as coisas.

– Ouvi dizer que Clare é um lugar selvagem.

– E que lugar é melhor do que um selvagem para pessoas como nós? – A pura alegria da liberdade aumentava a cada passo. – Nós temos o livro de nossa mãe, estudaremos e aprenderemos. Faremos poções e curas. Ela me disse que um curandeiro sempre é bem-vindo.

– Quando Cabhan vier, precisaremos de mais do que poções e curas.

– Que seja – disse Brannaugh para o irmão. – Então aprenderemos. Ficamos seguros durante cinco anos na fazenda. Se nossos guias nos levarem para Clare, como parece que levarão, poderemos ter mais cinco anos seguros lá. Tempo suficiente para aprender, planejar. Quando formos para casa de novo, estaremos mais fortes do que Cabhan imagina.

Eles cavalgaram durante a metade do dia, sob chuva. Uma chuva suave e constante que caía de um céu arroxado e triste. Pararam para os cavalos descansarem, lhes deram água e dividiram biscoitos de aveia, separando alguns para Kathel.

Com a chuva veio o vento enquanto eles continuavam a jornada, passando por uma pequena fazenda com uma cabana de cuja chaminé saía uma fumaça com cheiro de turfa. Lá poderiam ser acolhidos e talvez dessem chá e um lugar ao fogo. Lá dentro estaria quente e seco.

Mas Kathel continuou andando, Roibeard a voar em círculos e Alastar em momento algum diminuiu o ritmo.

E até mesmo a luz fraca começou a morrer enquanto o dia se transformava em noite.

– Slaine está cansada – murmurou Teagan. – Ela não vai pedir para parar, mas está cansada. Seus ossos doem. Não podemos deixá-la descansar um pouco, encontrar um lugar seco e...

– Ali! – Eamon apontou para a frente.

Perto da trilha lamacenta estava o que podia ter sido um antigo lugar de adoração. Agora sagrado, queimado até a pedra chamuscada por homens que não paravam de destruir o que aqueles que subjugavam tinham construído.

Roibeard circundou o lugar, chamando, chamando, e Kathel saltou para a frente.

– Pararemos ali para passar a noite. Faremos uma fogueira e os animais descansarão, assim como nós.

Brannaugh assentiu para o irmão.

– As paredes estão em pé... pelo menos a maior parte delas está. Devem nos proteger do vento e nos permitir descansar. O dia já está quase terminando. Devemos agradecer a Mordan, e a Magon, que veio dela.

Eles descobriram que uma das paredes tombara para dentro, mas as outras estavam em pé. Como até mesmo alguns degraus, que Eamon imediatamente testou e subiam em um círculo para o que havia sido um segundo nível. Qualquer madeira que tivesse sido usada havia queimado até virar cinzas e sido soprada pelos ventos. Mas era um abrigo razoável e, Brannaugh sentiu, o lugar certo.

Esse seria o lugar onde passariam a primeira noite, o equinócio, quando a luz e a escuridão se equilibravam.

– Vou cuidar dos cavalos. – Teagan pegou as rédeas de ambos os animais. – Afinal de contas, os cavalos são meus. Vou cuidar deles, se vocês arrumarem um lugar, espero que seco, e acenderem um bom fogo.

– É o que faremos. Agradeceremos e depois tomaremos chá e comermos um pouco da carne-seca de cervo antes de...

Ela se interrompeu quando Roibeard se precipitou para baixo, pousou em uma estreita saliência na pedra e deixou cair uma gorda lebre aos pés de Eamon.

– Bem, agora teremos um banquete. Vou limpá-la enquanto Teagan cuida dos cavalos e Brannaugh do fogo.

Um lugar seco, pensou Brannaugh. Colocando para trás o capuz de sua capa, imaginou um. Evocou quem era, pensou na ausência de umidade e emitiu um calor tão forte que quase queimou todos eles antes que pudesse diminuí-lo.

– Desculpem-me. Eu nunca tinha feito isso.

– É como tirar uma rolha de uma garrafa – concluiu Eamon. – O que continha saiu rápido demais.

– Sim.

Brannaugh foi mais devagar, com muito cuidado. Ela não se importava com a umidade, mas Teagan estava certa. Os ossos da velha égua doíam e até mesmo ela podia sentir isso.

Reduziu a umidade, devagar, apenas um pouco, mais um pouco. A alegria disso a fez vibrar. Estava solta, livre. Depois o fogo. Mágico esta noite. Em outras noites, como a mãe deles lhes ensinara, alguém juntava a lenha e o produzia. Mas, esta noite, seria o fogo de Brannaugh.

Ela o trouxe e manteve aceso.

– Alguns biscoitos de aveia e vinho – disse para os irmãos. – Uma oferenda de agradecimento para os deuses pelo equilíbrio do dia com a noite e ciclo do renascimento. E por este lugar de descanso.

– Atirem no fogo – disse-lhes. – Os biscoitos, e depois o vinho. Partilhamos essas pequenas coisas convosco e, como vossos servos, vos agradecemos.

– Nesta hora em que o dia encontra a noite abraçamos a escuridão e a luz – continuou Eamon, sem saber ao certo de onde tinham vindo essas palavras.

– Aprenderemos a resistir e lutar, a usar nossos dons para o que é certo e direito – acrescentou Teagan.

– E neste lugar e nesta hora nós nos abrimos ao poder que recebemos. A partir de agora e para sempre ele será livre. Como nós seremos. Que assim seja.

O fogo se ergueu em uma torre, vermelho, laranja e dourado, com um centro azul ardente. Mil vozes sussurraram nele e o chão estremeceu. Então o mundo pareceu suspirar.

O fogo estava contido em um círculo meticulosamente disposto no chão de pedra.

– Isso é quem somos – disse Brannaugh, ainda brilhando com o choque de energia. – É o que temos. Agora as noites serão mais longas. A escuridão dominará a luz. Mas ele não nos dominará.

Brannaugh sorriu, seu coração leve como não estivera desde a manhã em que eles tinham ido embora de casa.

– Precisamos fazer um espeto para a lebre. Teremos um banquete esta noite, nosso primeiro. E descansaremos quentes e secos até continuarmos nossa jornada.

EAMON SE ENCOLHEU PERTO DO FOGO, SUA BARRIGA CHEIA E SEU CORPO quente e seco. E continuou a jornada.

Sentiu-se se erguer e voar. Para o norte. Para casa.

Como Roibeard, pairou sobre as colinas, os rios e os campos onde o gado mugia e as ovelhas pastavam.

Áreas e mais áreas verdes na direção de casa com o sol surgindo discretamente entre as nuvens.

Com o coração muito leve. Indo para casa.

Mas não o lar. Não o verdadeiro lar, percebeu quando se viu no chão de novo. A floresta era tão familiar – mas não. Havia algo diferente. Até mesmo o ar era diferente e, contudo, o mesmo.

Tudo isso o deixou tonto e fraco.

Começou a andar, assoviando para seu falcão. Seu guia. A luz mudou, diminuiu. A noite estava vindo tão rápido?

Mas não era a noite, percebeu. Era a névoa.

E, com ele, o lobo que era Cabhan.

Escutou o uivo e estendeu a mão para pegar a espada do avô. Mas ela não estava ao seu lado. Ele era um garoto, com os tornozelos afundados na névoa, desarmado, enquanto o lobo com a pedra dourada brilhando no pescoço saía da névoa. E se tornava um homem.

– Bem-vindo de volta, jovem Eamon. Tenho esperado por você.

– Você matou meu pai e minha mãe. Vim vingá-los.

Cabhan deu uma gargalhada ressonante que gelou a espinha de Eamon.

– Você tem humor e não há nada de errado com isso. Então venha vingá-los, seu pai morto e a bruxa morta que o pariu. Eu terei o que você tem e depois possuirei suas irmãs.

– Você nunca tocará no que é meu.

Eamon caminhou em círculos, tentando pensar. A névoa foi aumentando e obscureceu tudo, a floresta, a trilha e sua mente. Agarrou o ar e o arremessou, abrindo um caminho frágil e estreito. Cabhan riu de novo.

– Mais perto. Venha para mais perto. Sinta quem sou.

Eamon sentiu a dor e o poder disso. E medo. Tentou produzir fogo, mas ele saiu fraco e se transformou em cinzas. Quando Cabhan estendeu as mãos, Eamon ergueu seus punhos para lutar.

Roibeard veio como uma flecha, com as garras e o bico rasgando aquelas

mãos estendidas. O sangue correu negro enquanto o homem uivava e se a transformava de novo no lobo.

E outro homem saiu da névoa. Alto, com cabelos castanhos molhados da umidade e olhos profundos e verdes cheios de poder e fúria.

– Corra – disse ele para Eamon.

– Não vou correr de alguém como ele. Não posso.

O lobo arranhou o chão e mostrou os dentes em um terrível sorriso.

– Segure a minha mão.

O homem agarrou a mão de Eamon. Luz explodiu como sóis, poder voou como mil asas batendo. Cego e surdo, Eamon gritou. Só havia poder, cobrindo-o, preenchendo-o, explodindo dele. Então, com um rugido estrondoso, a névoa se foi, o lobo se foi e só ficou o homem que agarrava a mão dele.

O homem caiu de joelhos, ofegante, com o rosto pálido e os olhos cheios de magia.

– Quem é você? – perguntou ele.

– Sou Eamon, filho de Daithi e Sorcha. Sou um dos três. Sou o Bruxo da Noite de Mayo.

– Como eu. Eamon. – Com um sorriso trêmulo, o homem tocou os cabelos e o rosto de Eamon. – Sou seu descendente. Você está fora do seu tempo, rapaz, está no meu. Eu sou Connor, do clã O’Dwyer. Sou descendente de Sorcha e de você. Um dos três.

– Como posso saber se isso é verdade?

– Eu tenho o seu sangue e você tem o meu. Você sabe. – Connor tirou o amuleto e o tocou, e era o mesmo que Eamon usava.

E o homem ergueu um braço. Roibeard pousou na luva de couro que ele usava.

Não Roibeard, percebeu Eamon. E, contudo...

– Meu falcão. Não o seu, mas com o mesmo nome. Peça-lhe o que quiser. Ele é tanto seu quanto meu.

– Este não é... meu lugar.

– Sim, é, não no seu tempo, mas seu lugar. Sempre será.

Lágrimas fizeram os olhos de Eamon arder e a barriga dele estremeceu com uma ânsia pior do que a fome.

– Nós voltamos para casa?

– Sim.

– Nós o derrotaremos, vingaremos nossos pais?

– Nós o derrotaremos. Nunca pararemos até isso ser feito. Eu lhe dou a minha palavra.

– Eu gostaria de... Eu vou voltar. Sinto isso. Brannaugh está me chamando de volta. Você me salvou de Cabhan.

– Penso que salvá-lo me salvou.

– Connor, dos O'Dwyers. Nunca me esquecerei.

E ele voou sobre as colinas de novo até o suave, suave amanhecer, e se sentou ao lado do fogo de Brannaugh com as duas irmãs o sacudindo.

– Parem! Minha cabeça está girando sobre o resto de mim.

– Ele está tão pálido! – disse Teagan. – Aqui, aqui, vou lhe preparar um chá.

– Chá seria bom. Eu parti em uma jornada. Não sei como, mas fui para casa, mas não era o lar. Preciso refletir sobre isso. Mas sei de algo que não sabia. Algo que nós não sabíamos.

Ele bebeu avidamente um pouco da água que Brannaugh lhe entregou e depois afastou o odre de novo.

– Ele não pode sair de lá. Cabhan. Ele não pode sair, ou se afastar. Quanto mais longe de casa, mais longe de onde ele negociou seus novos poderes e menores eles se tornam. Se sair de lá, corre o risco de morrer. Não pode nos seguir.

– Como você sabe disso? – perguntou Brannaugh.

– Eu... vi isso na mente dele. Não sei como. Vi isso lá, esse ponto fraco. Conheci um homem, ele é um dos nossos. Eu... – Eamon respirou fundo e fechou os olhos por um momento. – Deixem-me beber um pouco de chá, está bem? Um pouco de chá e depois tenho uma história para lhes contar. Ainda ficaremos aqui um pouco e eu lhes contarei tudo. Então, sim, sim, vamos para o sul aprender, crescer e planejar. Porque ele não poderá nos tocar. Não poderá tocar em vocês.

Qualquer que fosse o garoto que Eamon tinha sido, era um homem agora. E o poder ainda fervilhava dentro dele.

INFORMAÇÕES SOBRE A ARQUEIRO

Para saber mais sobre os títulos e autores
da EDITORA ARQUEIRO,
visite o site www.editoraarqueiro.com.br
e curta as nossas redes sociais.

Além de informações sobre os próximos lançamentos,
você terá acesso a conteúdos exclusivos e poderá participar
de promoções e sorteios.



www.editoraarqueiro.com.br



facebook.com/editora.arqueiro



twitter.com/editoraarqueiro



instagram.com/editoraarqueiro



skoob.com.br/editoraarqueiro

Se quiser receber informações por e-mail,
basta se cadastrar diretamente no nosso site
ou enviar uma mensagem para
atendimento@editoraarqueiro.com.br

Editora Arqueiro
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia
04551-060 – São Paulo – SP
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818
E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br